

O CONCEITO DE SAÚDE NO *ECCE HOMO* DE NIETZSCHE

[THE CONCEPT OF HEALTH IN NIETZSCHE'S *ECCE HOMO*]

Flávio Freitas *

Leonice Silva **

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

RESUMO: O presente artigo pretende explicitar a problematização acerca do conceito de saúde exposta no *Ecce homo* de Friedrich Nietzsche. Para tanto, o presente artigo está dividido em três momentos. Na primeira parte, trouxemos a relação entre a tríade de pensamentos (teoria das forças, eterno retorno e vontade de poder). Posteriormente, trouxemos a descrição do que seriam os critérios para classificar o processo saúde-doença (método, genealogia e fisiopsicologia), por fim, apresenta-se a classificação das doenças da vida expostas no *Ecce Homo*, tal como seu processo de disseminação. É oportuno ressaltar que durante nossa argumentação, destacamos o paradoxo que funciona como condição para o exercício filosófico de Nietzsche em *Ecce Homo*, cujo núcleo é composto pelo seguinte enunciado: só é possível recuperar a saúde, de um ponto de vista filosófico, se em algum momento anterior houve uma vivência de saúde e potência.

PALAVRAS-CHAVE: Nietzsche; Saúde; Doença; Moral; Ressentimento; Má consciência

ABSTRACT: The present article intends to explain the problematization about the concept of health exposed in Friedrich Nietzsche's *Ecce homo*. Therefore, this article is divided into three moments. In the first part, we brought the relationship between the triad of thoughts (theory of forces, eternal return and will to power). Subsequently, we brought the description of what would be the criteria to classify the health-disease process (method, genealogy and physiopsychology), finally, we present the classification of the diseases of life exposed in *Ecce Homo*, as well as its dissemination process. It is worth noting that during our argument, we highlight the paradox that works as a condition for Nietzsche's philosophical exercise in *Ecce Homo*, whose core is composed of the following statement: it is only possible to recover health, from a philosophical point of view, if in some previous moment there was an experience of health and potency.

KEYWORDS: Nietzsche; Health; Disease; Moral; Resentment; Bad conscience

O pensamento de Nietzsche pode ser dividido em três grandes períodos¹: o *primeiro* se encontra pautado pelo pessimismo romântico, influenciado pela filosofia de Schopenhauer e Wagner, ele busca suas interpretações a partir da sua bagagem filológica, acreditando na renovação da cultura alemã; o *segundo*, ele rompe com esse pessimismo ao sofrer influências do positivismo cético, principalmente com

* Doutorado e Pós-Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com estágio sanduíche pela Université Paris 1 - Panthéon Sorbonne. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Email: f_lcf@hotmail.com. * Mestranda em Cultura e Sociedade - Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Email: f_lcf@hotmail.com

Comte, busca o caminho enquanto espírito livre. O *terceiro* período se fundamenta na reconstrução de suas obras anteriores e salienta a elaboração consistente da sua própria filosofia, constrói a doutrina do eterno retorno, a teoria da vontade de potência, torna operatório o conceito de valor e instaura o procedimento genealógico.

A fonte que selecionamos como porta de entrada para estudarmos o conceito de saúde na obra de Friedrich Nietzsche é o texto intitulado de *Ecce homo* (1908). Assim, o tema da saúde é exposto e problematizado em vários momentos, sobretudo nas três primeiras partes. A obra constitui o terceiro período de seu pensamento, o Nietzsche maduro, considerado uma de suas últimas obras, após *O Anticristo* (1895). O *Ecce homo* é simultaneamente uma espécie de *autobiografia intelectual* do autor & uma análise de seus trabalhos mais importantes.

Pode-se dividir o *Ecce homo* em duas partes: uma autobiográfica e uma genealógica, composta pelos quatro primeiros capítulos; nos demais capítulos ele apresenta a gênese da composição e relevância dos seus escritos anteriores; e no último capítulo ele faz uma síntese de toda a sua real intenção que se constitui em uma crítica a moral cristã, reafirma sua moral da saúde e apreço a vida, demonstrando as fontes da doença e conseqüentemente a miséria espiritual da civilização ocidente.

Mediante a conexão entre filosofia e psicologia, o conceito de saúde consistirá na afirmação da alegria e no caráter trágico da própria *Vida*. A imagem do médico precede a do filósofo, o qual só pode surgir após medicar a si mesmo — para, em seguida, se tornar amigo da sabedoria. Filosoficamente, o médico é transformado em condição e pressuposto para o amigo e, conseqüentemente, da filosofia na totalidade.

Na primeira parte deste artigo, buscou-se identificar os pressupostos e componentes envolvidos no conceito de saúde, na obra *Ecce homo*, especificamente com a relação entre a tríade de pensamentos da teoria das forças, eterno retorno e vontade de poder. No segundo momento, descrevem-se os critérios para classificar os processos saúde-doença no *Ecce homo*, trabalhou-se com a relevância de seu método, a genealogia e a fisiopsicologia. Por fim, apresentamos a classificação das doenças da vida no *Ecce homo*, tal como, a culminação desse processo e sua transvaloração.

A filosofia nietzschiana se consolida como uma análise da existência a partir de uma dupla perspectiva, de um lado temos Nietzsche como saudável, mediante a clareza intelectual apresentada em seus escritos, de outro, doente, dada as suas condições físicas e somáticas. A maioria de suas obras foram escritas em meio a fortes dores de cabeça, colapso físico e início de cegueira. Sagazmente, em meio a doença, conseguia manter uma clareza intelectual.

Como ele próprio apresenta: “para os sinais de ascensão e declínio tenho um sentido mais fino do que homem algum jamais teve, nisto sou o mestre para excelência — conheço ambos, sou ambos”². Ao se considerar um decadente, mas também o seu oposto, ele denota que soube escolher os “remédios” certos para tais estados ruins. É nesse ponto que ele se diferencia dos demais decadentes, toma a si mesmo e curará a si mesmo.

Nietzsche revela que “para um psicólogo, poucas questões são tão atraentes como a da relação entre filosofia e saúde, e, no caso de ele próprio ficar doente, levará toda a sua curiosidade científica para a doença”³. A própria doença, por esse prisma, não é vista como doença, mas como um experimento, uma vida dotada de potência consegue ir além, essa é a função do *médico filósofo*⁴.

É necessário de antemão, reconhecer que mediante tais processos de doenças, nasce também outras tantas maneiras de pensar uma nova filosofia. Em Nietzsche corpo e alma se entrelaçam, como aponta no § 3 de *AGaia Ciência*:

Apenas a grande dor é o extremo liberador do espírito, enquanto mestre da *grande suspeita*, que de todo U faz um X, um autêntico e verdadeiro X (...) apenas a

grande dor, a lenta e prolongada dor, aquela que não tem pressa, na qual somos queimados com madeira verde, por assim dizer, obriga a nós, filósofos, a alcançar nossa profundidade extrema e nos desvencilhar de toda confiança, toda benevolência, tudo o que encontramos, que é brando, mediano, tudo em que antes púnhamos talvez nossa humanidade. Duvido que uma tal dor 'aperfeiçoe' —, mas sei que nos *aprofunda*.⁵

Com efeito, diante de “tais abismos, de tal severa enfermidade, também da enfermidade da grave suspeita voltamos *renascidos* (...) cem vezes mais refinados do que jamais fôramos antes”⁶. As ideias acerca da *Grande Saúde* buscam a superação de si mesmo, no entanto, ao contrário dos *profetas*⁷ Nietzsche apenas indicava as trajetórias possíveis para se alcançar tal estado.

Nietzsche se apresenta como um terapeuta e como um paciente, agindo como médico de si mesmo e também como médico da *cultura*. A *Grande saúde e doença*, são revistas como dois estados da *cultura*⁸ ocidental. Este olhar de um ponto de vista doentio para as profundezas da decadência, possibilitaria a *Transvaloração de valores*. Pois, de acordo com Nietzsche:

Da ótica do doente ver conceitos e valores mais sãos, e, inversamente, da plenitude e certeza da vida *rica* descer os olhos ao secreto labor do instinto de *décadence* — este foi o meu mais longo exercício, minha verdadeira experiência, se em algo vir a ser mestre, foi nisso. Agora tenho-o na mão, tenho bastante mão para deslocar perspectivas: razões primeiras porque talvez somente para mim seja possível uma ‘*trensvaloração dos valores*’⁹.

Nietzsche encontra uma força, que a leva ao desejo de viver, durante o longo período de enfermidade, se redescobre e reconstrói sua filosofia. Saboreou de todas as coisas até as mais simples, de uma forma que só ele saberia, “fiz da minha vontade de saúde, de *vida*, a minha filosofia”¹⁰. A ideia de saúde e doença que precisam ser analisadas por outros aspectos assim como a preocupação com a *vida*:

Pois, não existe uma saúde em si, e em todas as tentativas de definir tal coisa, fracassaram miseravelmente. Depende do seu objetivo, do seu horizonte, de suas forças, de seus impulsos, seus erros e, sobretudo, dos ideais e fantasias de sua alma, determinar o *que* deve significar saúde também para seu corpo. Assim, há inúmeras saúdes do corpo; (...) nossos médicos terão de abandonar o conceito de uma saúde normal, juntamente com uma dieta normal e curso normal da doença. E apenas então chegaria o tempo de refletir sobre a saúde e doença da alma¹¹.

O conceito de *vida* surge anterior ao da *vontade de potência*, e assim como tal, possui variações e sentidos diversos. Inicialmente a *vida* e *conhecimento* apresentam alguns conflitos, somente com o escrito de *AGaia ciência* ele retoma a questão, e essa ideia anterior de conflito desaparece. *Vida* agora significa uma “possibilidade de ‘experimentação de conhecimento’ e este é encarado como o que permite a manutenção daquela”¹².

No caráter cosmológico e genealógico, o conceito de vida não se encontra distante do sistema de lutas, ele “constata tanto na vida social quanto na individual, tanto na vida mental quanto na fisiológica, uma única e mesma maneira de ser na vida: a luta”¹³. A luta é considerada necessária, é com ela que irá se determinar os vencedores e vencidos, os que mandam e os que obedecem, como um sistema de hierarquias. A exemplo disso temos:

A célula ao tornar-se função de outra mais forte, está a obedecê-la; o pensamento, ao sobrepujar os demais, passa a mandar neles; o impulso ao queixar-se de outros, recusa a obediência busca o mando (...) enquanto vontade de potência, a vida é mandar e obedecer; é, portanto, lutar¹⁴.

Significa dizer que Nietzsche relaciona vida e vontade de potência de duas maneiras. Em dado momento, essa relação “encontra-se identificadas, ora, a vida aparece como caso particular da vontade de potência”¹⁵. No segundo momento, a vontade de potência se depara com empecilhos que nos cercam, submeterá os que a ela se opõem para colocá-los à sua disposição.

Doravante, podemos pensar a filosofia nietzschiana a partir de um triângulo de conceitos que permeia toda a estrutura de seu pensamento; a *teoria das forças*, o *eterno retorno* e a *vontade de poder*. A distinção entre orgânico e inorgânico perde sentido com a teoria das forças, onde Nietzsche se submete a resolver os problemas da ciência de sua época. Logo, é na teoria das forças que a vontade de potência se direciona para uma nova dimensão, antes a vontade de potência se encontra atrelada como vontade orgânica, agora ela aparece como força eficiente, dessa forma ela atua a tudo aquilo que existe, a vontade de potência diz respeito assim ao efetivar-se da força.

Nessa perspectiva, Nietzsche traz uma nova fórmula para se pensar o corpo, essa fórmula seria a teoria das forças, “o que define um corpo é a relação entre forças dominantes e forças dominadas. Toda relação de forças constitui um corpo: químico, biológico, social, político”¹⁶. Dessa forma, o corpo é múltiplo, ao se pensar nele como uma relação de forças, forças estas que se baseiam em duas concepções, como afirma Deleuze¹⁷ “o corpo é fenômeno múltiplo, sendo composto por uma pluralidade de forças irreduzíveis; sua unidade é a de um fenômeno múltiplo, ‘unidade de dominação’ (...) as forças dominantes são ditas *ativas*, as forças inferiores ou dominadas são ditas *reativas*”¹⁸.

Durante o seu percurso filosófico fica evidente um caráter pluralista, principalmente cosmológico. Ao se definirem como forças *reativas*, as forças inferiores exercem funções que “assegurem os mecanismos e finalidades, a exemplo disso, cumprem as condições de vida e funções, assim como, as tarefas de conservação, adaptação e utilidade”¹⁹. Marton²⁰ aponta que quando se tratava do mundo, ele postulava a existência de uma pluralidade de forças que estão por toda a parte. A força só existiria no plural, uma força está relacionada a outra a medida em que elas se encontram num ponto de tensão.

Nesse sentido, não se pode afirmar o que o corpo é capaz. O organismo, necessariamente seria visto apenas pelo lado das reações. É possível perceber um caráter pluralista, que se volta para a diversidade das forças ativas e reativas. Contudo, as forças *ativas*, as dominantes exigem critérios mais complexos para se caracterizarem, cujas características são compostas em *apropriar-se*, *apoderar-se*, *subjugar*, *dominar*. Ou seja, *impor formas*, *criar formas*, explorar as circunstâncias.

De acordo com Klossowski, “antes de describir ‘cómo se llega a ser lo que uno es’ vuelve a poner en tela de juicio la cuestión de quién es él mismo. Nunca deja de señalar que tal o cual de sus fue escrita en tal o cual momento de salud”²¹. Nietzsche tem essa correlação com a saúde e doença em seus escritos, se tratando tanto dele como estado de saúde-doença, como também da sociedade ocidental de seu tempo. Trazendo esse paradoxo constitutivo da *Grande Saúde* como condição para o exercício de um pensamento filosófico. O eu físico e o eu moral de Nietzsche se coincidem, dadas as forças ativas enquanto funções orgânicas, querem terminar com a escravidão, esse processo ocorre, tal como insaciavelmente:

Insaciável, ela continua a exercer-se a vontade de potência. Não há finalidades a realizar; por isso ela é desprovida de caráter teleológico. A cada momento, as forças relacionam-se de modo diferente, dispõem-se de outra maneira; a todo instante, a vontade de potência, vencendo resistências, se auto-supera e, nessa superação de si, faz surgir novas formas. Enquanto força eficiente, ela é, pois, força plástica, criadora²².

Durante muito tempo Nietzsche experimentou e vigiou apaixonadamente essa concorrência dissolvente de forças somáticas e anímicas. Quanto mais escuta o corpo, mas desconfia da pessoa que o corpo sustenta. A obsessão do suicídio, pelo desespero de nunca sarar dessas terríveis enxaquecas, volta a condenar o corpo em nome da pessoa que ali se encontra diminuída. A ideia de não ter ainda realizado sua obra lhe dá a força para tomar partido pelo corpo. Se esse corpo é um ponto doloroso, se o cérebro só envia sinais de socorro, é porque se trata de uma linguagem que se conduzirá a entender o custo da razão.

O sofrimento não só o interpreta como energia, mas considera que o sofrimento físico só é tolerável se estiver estreitamente ligado ao gozo, se desenvolver uma lucidez voluptuosa: ou extingue qualquer pensamento possível, ou atinge o delírio do pensamento. O corpo é o resultado do fortuito, é o lugar de encontro de um conjunto de impulsos individuais por esse intervalo que constitui uma vida humana.

Do mesmo modo, a vontade de potência pode ser compreendida como o impulso de toda força a efetivar-se dado um primeiro momento, criando configurações em relação com as demais forças. Superando a si mesma, o mundo se apresenta como um vir — a — ser, uma mudança sucede outra, um estado atingido sucede outro estado.

Em contradição a teologia e a teoria mecanicista, Nietzsche considera o mundo como eterno, não precisamente um momento inicial, pois a vontade de potência não é intencional. Da mesma forma, não há um instante final, por não possuir um caráter teológico, o mundo não se constitui como um sistema, ele é um processo dinâmico, com campos de forças não estáveis, sempre em tensão, ele não se encontra governado por leis, ou cumpre categorias de finalidades, ele não é, portanto, submetido a um determinado poder transcendental. Sua coesão não se garante por nenhuma categoria de substância, ele só se permanece uno, porque a multiplicidade de forças se inter-relacionam.

Assim como na percepção da Scarlett Marton, Deleuze nos traz uma interpretação parecida sobre vontade de potência como o elemento genealógico da força, de forma que, ele é tanto o elemento diferencial das forças, por ser um elemento de produção da diferença da quantidade entre as forças que se relacionam, e também um elemento genético, por ser um elemento da produção da qualidade no que se refere a cada força, sem a vontade de potência como princípio, não haveria plasticidade ou metamorfose.

O conceito de vontade de potência e a teoria das forças se encontram vinculadas à doutrina do eterno retorno. O eterno retorno nietzschiano faz alusão a uma crítica do estado de equilíbrio no universo. “Se o universo tivesse uma posição de equilíbrio, diz Nietzsche, se o devir tivesse um objetivo ou um estado final, ele já o teria atingido”²³. Significa dizer que o tempo passado como infinito, esse *devir* já teria atingido um estado final se houvesse um e conseqüentemente não teria saído de um estado inicial, se houvesse um. Nietzsche elucida que se o universo fosse permanente e fixo não haveria o *devir* e este não poderia ser observado.

Na *Gaia ciência*, o eterno retorno é visto em dois pontos: a repetição cíclica dos acontecimentos e o movimento circular em que a mesma série de eventos ocorre. Essa ideia permeará suas futuras obras, numa versão cosmológica de sua doutrina. É a partir da experiência do eterno retorno que, em simultâneo, apresenta uma ruptura irreversível e se desenvolve uma versão da fatalidade, o círculo vicioso, cujo objetivo é suprir o fim e o sentido, o começo e fim se encontram interligados. “A doutrina do ‘eterno retorno’, ou seja, do ciclo absoluto e infinitamente repetido de todas as coisas — essa doutrina de Zarastustra poderia ter sido ensinada também por Heráclito”²⁴.

Para melhor compreensão, parte-se de duas ideias centrais: a primeira é a noção de força como sendo finita, e a segunda como o tempo infinito. O tempo sendo compreendido com infinito, pressupõe que não teve um início ou fim, então tudo o que

existe além do orgânico, é constituído por forças finitas. A doutrina do eterno retorno do mesmo, para tanto, é finito, mas eterno. Conforme o seu artigo que descreve a concepção de uma forma nova de observar o mundo, a partir da triade de pensamento nietzschiana, Marton afirma que:

Todos os dados são conhecidos: finitas são as forças, finito é o número de combinações entre elas, mas o mundo é eterno. Daí se segue que tudo já existiu e tudo tornará a existir. Se o número dos estados por que passa o mundo é finito e se o tempo é infinito, todos os estados que hão de ocorrer no futuro já ocorreram no passado²⁵.

De acordo com Marton, “sublinhando-se a repetição dos acontecimentos, nada impediria que, por um processo fortuito, as forças constitutivas do mundo viessem a combinar-se de tal forma que as configurações voltassem a ocorrer; seriam regidas pelo acaso.”²⁶ Ao se realizar o movimento circular, uma mesma série de eventos ocorrem, mas seria necessário que as forças se combinam em uma mesma sequência padrão, dessa forma todas as configurações se repetiram, no entanto, “da repetição dos acontecimentos não se pode deduzir o movimento circular em que a mesma série de eventos ocorre; não se deduz que uma configuração só retorna após finda toda a série e, menos ainda, que cada configuração determina a seguinte”²⁷.

Se pressupõe com base nessa afirmação, que nessa sequência de eventos, cada estado no mundo, em um determinado momento, definirá o próximo e indiretamente todo o ciclo. “Assevera que este momento que estamos vivendo já se deu e voltará a dar-se um número infinito de vezes exatamente como se dá agora. O que se repete não é o que eventualmente poderia ocorrer, mas o que ocorre de fato”²⁸.

Acerca do Eterno Retorno, é válida a análise do Klossowski, segundo ele, “no podemos renunciar al lenguaje, ni a nuestras intenciones, ni a nuestra voluntad; pero podríamos apreciar de un modo diferente al que lo habíamos hecho hasta ahora, esa voluntad y esa intención sometidas a la ‘ley’ del Círculo vicioso”²⁹. Compreende-se então, que, mesmo não podendo renunciar a linguagem, as nossas intenções ou vontades, poderíamos ainda, diferentemente, apreciar essa vontade e essas intenções submetidas à lei do Círculo vicioso.

Mediante tal encadeamento, não são os eventos possíveis que retornam, o que retornam são os acontecimentos reais. “Assim, o querer não pode restringir-se ao desejo de repetir uma vez ou muitas vezes. Pois, desse modo, a intensidade do sim, não atingiria seu ápice. O sim, verídico do além-do-homem só se completa no querer que retorne infinitas vezes tudo o que é e foi”³⁰. Surge, segundo Nietzsche “o pensamento do eterno retorno, a mais elevada forma de afirmação que se pode em absoluto alcançar”³¹. Na *Gaia Ciência*, Nietzsche traz uma das mais importantes reflexões, que possui um enorme peso, talvez o maior de todos eles:

Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer, e cada suspiro, e pensamento, e tudo o que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem³².

Dessa forma, a pergunta subsequente é a seguinte, “você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes?”³³. Não há outra fuga, estamos condenados a viver inúmeras vezes e, todas elas, sem razão ou objetivo, então tudo o que nos resta é aprender a amar nosso destino, é inevitável que a existência tal como é, sem sentido ou finalidade, se repita; é imprescindível que o homem, não possuindo outra vida além desta, a afirme. O *amor fati*, logo, é uma fórmula para medir a grandeza da vontade afirmativa do homem, vinculado ao pensamento do eterno retorno, que seria a possibilidade de uma repetição cíclica de todos os acontecimentos, portanto, amar o que é necessário, seria amar a

possibilidade eterna do retorno do próprio niilismo, dizer *Sim*, ao mundo tal como ele é.

O *Ecce Homo* de Nietzsche deve ser visto não só como um texto autobiográfico, como foi inicialmente pressuposto, mas, como algo bem mais complexo, ele constitui a genealogia do seu pensamento. Os próprios títulos dos capítulos, por exemplo, são perguntas genealógicas, pois buscam as gêneses das condições envolvidas em determinado modo de vida ou forma de pensar. Na obra podemos encontrar duas dimensões de saúde; uma dimensão empírica, e uma dimensão transcendental e noológica³⁴.

Tendo em vista tal abordagem, os critérios para classificar os processos saúde-doença, consistem na análise do método adotado por Nietzsche, tal como seus instrumentos de diagnósticos, a genealogia e a fisiologia. O método de Nietzsche se encontra presente de maneira mais sistemática na sua obra *A genealogia da moral* (1887), para Deleuze, “o método todo consiste no seguinte: referir um conceito à vontade de potência para dele fazer o sintoma de uma vontade sem a qual ele não poderia nem mesmo ser pensado (...) tal método corresponde a questão trágica”³⁵.

Roberto Machado faz uma síntese do pensamento nietzschiano de forma muito bem elaborada, onde, o projeto genealógico, consistiria numa “tentativa de superação da metafísica através de uma história descontínua dos valores morais que investiga tanto a origem, compreendida como nascimento, como invenção, quanto o valor desses valores”³⁶. Prossegue ele, “ligar filosofia à história — como Nietzsche também faz com a filologia, a fisiologia, a psicologia — é um modo de marcar posição, de assinalar sua diferença com relação a uma filosofia que ele denunciará como metafísica e moral”³⁷.

Em Nietzsche adota-se duas origens dos valores morais, a moral dos senhores e a moral dos escravos, de um lado temos a moral dos senhores que coincide com uma moralidade sadia, por assim dizer, se concretiza naturalmente, é conduzida pelos instintos da vida, e a moral dos escravos, está no que lhe concerne, é uma moral contranatural, se volta contra esses mesmos instintos. “O objetivo fundamental da genealogia é realizar uma crítica radical dos valores morais dominantes, na sociedade moderna”³⁸.

A vida é analisada a partir da vontade de poder, dessa forma, a investigação não cairia num círculo vicioso, a moral passa a ser vista como uma dupla perspectiva, de um lado pode ser elucidado como consequência e como causa, assim, como doença e remédio. Os valores são associados à vida, e assim como tal, se modificam ao longo dos anos.

Em seus escritos posteriores, a filologia toma grande parte de sua filosofia como um instrumento fundamental para analisar o cristianismo. Ele se propõe a provar que o cristianismo é fundado em mentiras propriamente ditas, como relata no *Anticristo*:

Dessa defeituosa ótica em relação às coisas a pessoa faz uma moral, uma virtude, uma santidade, vincula a *boa* consciência à *falsa* visão — exige que nenhuma *outra* ótica possa mais ter valor, após tornar sacrossanta a sua própria, usando as palavras ‘Deus’, ‘salvação’, ‘eternidade’. Desencavei o instinto de teólogo em toda parte: é a mais disseminada, a forma realmente *subterrânea* de falsidade que existe na Terra. O que um teólogo percebe como verdadeiro *tem* de ser falso: aí se tem quase que um critério de verdade³⁹.

Não obstante, o cristianismo compreende como pecado a natureza e os valores naturais, assim como negar a cientificidade, o corpo, a vida terrena, constitui uma prática do autoengano. Essa incapacidade de ver a realidade como ela realmente é, é para tanto, uma franqueza aos olhos de Nietzsche, pois para viver há a necessidade de se apegar aos suportes metafísicos.

A ideia de outro mundo, o suprassensível (Deus) ou de valores superiores à vida constituem uma depreciação da vida e uma negação dessa vida. “A história do niilismo

não tem um *começo*. O niilismo é a expressão da *décadence* fisiológica. Esta surge nas mais distantes culturas que se constituem independentemente umas das outras⁴⁰. Uma característica marcante em Nietzsche que o coloca com uma visão acentuada sobre a “grande psicologia”, de acordo com Giacoia:

O auto-reconhecimento como o primeiro grande psicólogo corresponde, em Nietzsche, uma concepção ampliada de psicologia: a “grande psicologia”. Esta, por sua vez, é peça constitutiva de todo seu programa genealógico de filosofia. Ela funciona como um operador estratégico em sua genealogia da moral, em suas análises dos fenômenos religiosos, em sua apreciação das grandes personalidades históricas antigas e modernas, em sua crítica da ciência, da arte, da educação e da política, enfim, em sua inteira tarefa de ‘médico e sintomatologista da cultura’⁴¹.

Nietzsche dá à filosofia um tratamento psicológico, isso possibilita um tratamento psicológico da cultura. A fisiopsicologia não necessariamente consiste numa prioridade à fisiologia. O alvo estratégico do projeto nietzschiano, é a genealogia da moral, de modo que, se trata de uma derivação genética da consciência da moral. Ele unifica a fisiologia com psicologia, formando seu próprio método, a fisiopsicologia, ele considera fisiológico não apenas corpos vivos, mas o inorgânico e as produções humanas, como o Estado, Religião, Arte, Ciência e Filosofia.

A consciência moral, conceitualmente desenvolvida pelos gregos, desenvolvida posteriormente na ética cristã, com a filosofia medieval, concretiza a ideia de uma aproximação ao “remorsus”. Giacoia pressupõe que inicialmente “a consciência moral está relacionada ao senso moral das próprias ações, ao sentimento provido de uma faculdade de autojulgamento, à consciência de incondicional conformidade ao dever, indicando ser justa uma ação que se deseja empreender”⁴².

Todavia, Nietzsche não se satisfaz e investiga a gênese da consciência moral, cuja tarefa principal consiste em reconduzir formações culturais complexas que vão desde as instâncias psíquicas, práticas, instituições, sociais e sistemas orgânicos; às condições (pré) históricas de surgimento, transformação e desenvolvimento. Porquanto:

Trata-se de identificar as condições de instauração e deslocamento de sentido de tais formações, por intermédio da decifração de sinais inscritos nos corpos e almas dos indivíduos e dos povos. Compreender tais fenômenos significa, portanto, reconstruir o movimento de sua gênese e a dinâmica de seu desenvolvimento, a cadeia histórica de sua apropriação em relações sociais de poder que determinam a emergência e os deslocamentos de sentidos⁴³.

No capítulo intitulado “Por que eu sou tão sábio” Nietzsche se descreve como experimentador de duplas perspectivas “sou um *décadent*, sou também o seu contrário (...) eu era sadio, como ângulo, como especialidade era *décadent*”⁴⁴. Via-se em Nietzsche múltiplas facetas, que solidificam uma espécie de guerra interior aos seus próprios impulsos, ele torna-se um espelho de si mesmo em suas obras. Sua necessidade de subjugar os outros encontraria expressão em sua concepção de luta entre a moral dos senhores e a moral dos escravos⁴⁵.

A necessidade de subjugar os outros, seria em uma visão psicanalítica apresentada por Salomé em um de seus escritos uma áspera ilustração do que ocorre com o homem singular mais elevado, do cruel processo animico, através do qual este tem de cindir-se em deus sacrificial e animal sacrificial. Dessa maneira, Nietzsche apenas descreveria o caráter antagonico de seu próprio “eu”.

No entanto, o que nos interessa quanto a validade de seu pensamento, é que Nietzsche compreende a si mesmo como crítico de sua época. “Mas para que a própria época possa ser atacada no eu, é preciso expor suas múltiplas correntes espirituais; o ‘eu’ precisa ampliar-se em consciência completa de sua época”⁴⁶. De acordo com Giacoia, “a

história da consciência moral identifica-se com a história da repressão, mas também da transfiguração e sublimação dessa barbárie por meio da espiritualização e aprofundamento da consciência de culpa⁷⁴⁷. Tais noções farão o ensejo para os conceitos de esquecimento, memória e repetição.

Nietzsche percorre toda a esfera da alma moderna, redescobrendo novos pontos a serem trabalhados, como a visão sobre o corpo ser muito mais do que podemos imaginar, assim como a divisão de mundos e ideias, que nos encaminham para enormes contradições. “De sua filosofia dos antagonismos brotam assim os antagonismos intranponíveis de seu filosofar⁷⁴⁸. É notório, que a vontade de potência só se manifesta mediante a resistências de forças.

Para Nietzsche o homem cultivou abundantemente instintos e impulsos antagônicos, é esse sistema de impulsos contrapostos que dão vida ao movimento das forças, gerando novos impulsos. Os impulsos se desenvolvem individualmente, quando um deles se sente estimulado ou impedido, um se sobrepõe ao outro. Logo:

Impulso, força, afeto; a palavra *impulso* é só uma tradução, na linguagem do sentimento, do que-não-sente. Nunca se constatou uma *força*, mas sempre se afirmam apenas *efeitos*, traduzidos numa linguagem completamente estranha. E também os afetos não são nada além de uma *invenção de causas* que não existem. Depois dessas destruições das conceptualizações metafísicas, em recusa a essas determinações, por vezes Nietzsche faz uso do “*quantas* dinâmicos”, que estão numa relação de tensão com todos os outros *quantas* dinâmicos, no entanto, conceptualmente é incompreensível tal modo de falar.⁴⁹

Tendo em vista “não apenas a *força* tem de ser, por fim, entendida como vontade de potência; também os *afetos* nada mais são do que ‘configurações’ da vontade de potência que ‘é a forma primitiva do afeto’, assim como se diz dos *impulsos*, que a ela pode ser remetidos”, a vontade de potência, se torna a essência do mundo. Quando Nietzsche traz em seu discurso a unidade do múltiplo, significa dizer que existe uma relação meramente recíproca entre a relação de dependência dos múltiplos entre si, que se origina no conjunto de mundo uno, e não a má interpretação de que ele visa uma raiz metafísica.

Ao eliminar a matéria, desvinculando-se do materialismo, substituindo-a pela noção de força, Nietzsche busca suprimir os preconceitos provenientes da sua época, “pré-juízos metafísicos, superstições religiosas, grosseria da linguagem, limites do senso comum, as ideias do substrato e sujeito são examinadas e julgadas a partir de diferentes perspectivas⁷⁵⁰. Durante o seu percurso filosófico fica evidente um caráter pluralista, principalmente cosmológico. “Quando se trata do mundo, ele sempre postula a existência de uma pluralidade de forças presentes em toda a parte. A força só existe no plural; não é em si, mas na relação com outras, não é algo, mais um agir sobre⁷⁵¹.”

Compreende-se que somos uma constante relação de forças dinâmicas, onde cada corpo exprime sua potência e experimenta os seus limites. Uma pluralidade de forças sempre em transformação e transmutação, o corpo se divide, se multiplica. Essas forças podem entrar em conflito, mas o corpo ainda se mantém, permanece em sua organização. Pois, o organismo é uma grande estrutura, dentro delas há várias lutas, conflitos, movimento, mas, sempre surge uma ordem, uma espécie de hierarquia.

Nietzsche usa comparações fisiológicas, para retratar o que seria o corpo, como a ideia do corpo como um grande estômago, em simultâneo, ele faz uma análise da existência humana. Onde, nossas experiências são mastigadas, os pensamentos ruminados, as vivências digeridas, e aquilo que não nos interessa, excretamos. Nesse contexto, o corpo fará uma seleção daquilo que importa e daquilo que não nos interessa. Ele rompe o distanciamento entre corpo e alma, na filosofia nietzschiana eles estão interligados, não há mais dualidades.

Em algumas de suas cartas escritas a Lou A. Salomé, Nietzsche relata que quando se sentia são e vigoroso com sua capacidade criadora, era o momento em que se via em maior contato com a doença, o repouso e a ociosidades forçadas acabam trazendo o seu restabelecimento. Se o corpo diz respeito tanto às nossas forças mais imediatas como às mais remotas pela sua origem, tudo o que o corpo diz — o seu bem-estar e as suas indisposições — é o que melhor nos informa sobre o nosso destino. Nietzsche busca nos seus períodos de isolamento ir para o mais longe de si mesmo, para então compreender o imediato. Segundo Klossowski, quando Nietzsche se sentia são e vigoroso, com toda a sua força e capacidade de criação, “era el momento en que se ponía en mayor contacto con la enfermedad: el reposo y la ociosidade forzosos le procuraban de nuevo el restablecimiento y mantenían la catástrofe en suspenso”⁵². Nietzsche possui um cuidado com o corpo rigoroso, devido ao seu estado doentio, logo:

nada entre as refeições, nenhum café: café obscurece. Chá, somente de manhã benéfico. Pouco, porém vigoroso: é prejudicial e debilitante por todo o dia quando fraco demais, mesmo que por um mínimo. Cada qual possui nisso a sua medida, com frequência entre os limites mais estreitos e delicados. Em um clima irritante desaconselha-se o chá como primeira bebida: deve-se começar uma hora antes por uma xícara de chocolate espesso sem gordura. — Ficar sentado o menor tempo possível; não dar crença ao pensamento não nascido ao ar livre, de movimentos livres⁵³.

O corpo até então esquecido, se torna o centro, ele anseia ampliar seu poder, a sua potência, é uma vontade de ter, ser, dominar, conquistar sempre mais, indo além do seu limite. Dessa forma a dimensão empírica do pensamento nietzschiano, diz respeito às condições físicas e materiais, alimentação, clima e lugar, estão em constante equilíbrio. “Com a questão da alimentação relaciona-se antes de tudo a questão do *clima* e do *lugar*. A ninguém é dado viver em qualquer lugar.”⁵⁴

A dimensão empírica de seu pensamento, não deixa de influenciar as condições transcendentais ligadas ao pensamento. Dessa forma, em tudo isso — a escolha na alimentação; a escolha de clima e lugar; — reina naturalmente um instinto de autoconservação que se expressa da maneira mais inequívoca como instinto de *autodefesa*.

Por conseguinte, as chaves para descrever os processos transcendentais do pensamento referentes ao conceito de saúde-doença são a *culpa* e o *ressentimento*. Logo, o “[conhece-te a ti mesmo] seria a fórmula para a destruição, esquecer-se, *mal entender-se*, empequenecer, estreitar, mediocrizar-se torna-se a própria sensatez”⁵⁵

Dessa forma, as premissas morais “amar o próximo, viver para outras coisas pode ser a medida protetora para a conservação da mais dura subjetividade”⁵⁶. Mediante tal análise do próprio autor, nos resta ver que “essas pequenas coisas — alimentação, lugar, clima, distração, toda a casuística do egoísmo — são inconcebivelmente mais importantes do que tudo o que até agora se tomou como importante”⁵⁷.

A filosofia nietzschiana é uma filosofia que busca a valorização da vida. Ele se restringe particularmente, para uma reflexão filosófica sobre a saúde e doença que transcende a mera redução somática da doença enquanto campo médico. A doença nesse patamar de investigação, é ampliada para o campo da fisiopsicologia. Dessa forma, saúde e doença enquanto problema filosófico, deve ser compreendido no encadeamento entre a vontade de potência e o sintoma de *décadence* enquanto deterioração fisiológica.

Se saúde em Nietzsche é compreendida como uma organização dos impulsos fisiopsicológicos, hierarquicamente organizados, a doença então, passa a ser subentendida como a desorganização pulsional, que conduzirá à deterioração fisiológica, e por fisiológica engloba-se muito mais que apenas o estado físico de um corpo. Tendo

em vista, que para Nietzsche pode-se ser gravemente doente⁵⁸, mas, em simultâneo, sadios em seus próprios termos. Um estado não anula o outro necessariamente, pois, cada indivíduo carrega consigo traços físicos e psicológicos, logo, pode ser considerado fraco, doente, escravo ou forte, sadio, senhor. Quando inserimos no diagnóstico o processo genealógico, pretende-se investigar do estado físico as produções humanas, dessa forma tem-se como objeto de estudo, o organismo, a um indivíduo, uma cultura.

Os critérios para diagnosticar saúde e doença são respectivamente elaborados, se de um lado temos a afirmação enquanto processo contínuo de autossuperação, potência, hierarquia, logo, é saudável; por outro lado, se nega a vida, é impotente e anárquico, logo, é doente. A exemplo temos, a moral, a filosofia metafísica, a religião cristã e a ciência, como sintomas de doença. Os avanços obtidos na modernidade, podem ser também considerados como sintomas de doenças.

O processo civilizatório trouxe ao homem, a criação da memória, antagonica a força do esquecimento. De acordo com Klossowski, “la mezcolanza social, consecuencia de la revolución, el establecimiento de derechos iguales, la superstición de la igualdad entre los seres humanos (...) los factores de los instintos de decadência”⁵⁹. Todo esse aparato civilizatório, conseqüente dessa inversão de valores, os fatores dos instintos de decadência, como o ressentimento, a insatisfação, o impulso destrutivo e até mesmo o niilismo, são por si, considerados como instintos de servidão, covardia.

O ressentimento é um estado patológico que surge da disfunção que caracteriza o ressentimento como doença. O ressentido se revolta contra tudo em que se depara, sente a necessidade de se vingar, pois, possui uma impotência que o impede de realizar qualquer atividade, esperando que os outros as realizem. Quando isso não ocorre, busca sempre alguém para culpar, projetando sua infelicidade como sendo responsabilidade do outro.

O projeto nietzschiano, como já mencionado, identifica como tais condições se instauram no seio da *cultura* moderna, buscando interpretações na formação dos povos, até às cadeias psíquicas do eu. A compreensão de tais fenômenos significa, reconstruir a cadeia histórica das relações sociais de poder, para compreender as classificações de doenças.

Para Nietzsche a memória está ligada a ressentimento e doença, enquanto o esquecimento está ligado a alegria e saúde e ambas se encontram interligadas⁶⁰. O esquecimento teria evitado o acúmulo de lembranças desnecessárias que prejudicam o funcionamento normal do organismo, dessa forma esse ato de esquecer significa um sinônimo de saúde. Todavia:

Esquecer não é uma simples *vis inertiae* [força inercial], como crêem os superficiais, mas uma força inibidora ativa, positiva no mais rigoroso sentido, graças à qual o que é por nós experimentado, vivenciado, em nós acolhido, não penetra mais em nossa consciência, no estado de digestão (ao qual poderíamos chamar ‘assimilação psíquica’) do que todo o multiforme processo da nossa nutrição corporal ou ‘assimilação física’⁶¹.

Eis que, o esquecimento é uma “espécie de guardião da porta, de zelador da ordem psíquica, da paz, da etiqueta: com o que logo se vê que não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, presente, sem o esquecimento”⁶². O esquecer, logo é uma força ativa, doravante, uma forma de saúde, pois o homem consegue desenvolver tal capacidade em oposição ao elemento destrutivo, a memória. No entanto, não podemos encontrar nenhum contorno de civilização em que não haja vestígios de um sentimento de *culpa*, sentimento de *dever*, de *consciênciamoral*, proveniente da relação credor e devedor.

Nietzsche explicará a origem genealógica da culpa a partir da relação de credor e devedor, e a crença numa divindade única criadora de todo o universo elevou esse

sentimento. A partir das noções de Deus (judaico-cristão) e do pecado original, gerando uma consciência de culpa. Dessa forma, ele inverte a tradição, o sentimento de culpa não poderá mais ser visto como uma instância metafísica da consciência que funciona como uma bússola moral e leva o homem a praticar o “bem” e sentir-se incomodado ao praticar o “mal”. Nesse sentido a culpa não é um elemento a-histórico colocado por Deus, na alma, ele demonstrará que a culpa foi forjada historicamente.

Poderíamos dizer que, o homem não esquece, não consegue esquecer, de modo que, vive envolto em sentimentos oriundos de experiências passadas, sejam elas boas ou más. Essa exaustiva carga emocional, de ressentimento, angústia e dor, fazem parte de suas experiências vividas. Como um animal histórico, ele está sempre interligado ao momento e espaço em que vive, ou seja, a todas as condições de subsistência. Compreende seu destino, enquanto estabelece os parâmetros do entretenimento e da obrigação, estes são experimentados como prazer e dor, ele é conduzido a pensar de acordo com um parâmetro estabelecido pelas normas de seu meio, obedecendo assim como um escravo obedece ao seu senhor. Logo, quando ele não se encontra pressionado por tais obrigações, busca amparo nas realizações de seus desejos em busca de prazer.

Desde as origens da sociedade e do Estado, há uma organização errante, pois, a transição do estado natural [errante e instintivo] do homem para o estado civilizatório, interessar-se encaixar nas regras, normas e costumes da vida em sociedade, consiste em “uma renúncia aos mais rigorosos impulsos de sua natureza animal, na repressão brutal e sangrenta de selvagens e poderosas correntes de energia psíquica”⁶³. Pois, se esse estado de impulsos naturais permanecesse no interior da vida em sociedade, seríamos levados novamente ao estado de “guerras de todos contra todos”⁶⁴. Para Machado:

A decadência prevalece como uma diminuição, um enfraquecimento do homem; ela inverte os valores, transforma os homens fortes em fracos, aqui vemos o triunfo das forças reativas sob as forças ativas. A moral judaico-cristã é resultado dessa inversão de valores, ela expressa um enorme ódio à vida, ela desconsidera tudo o que for positivo, afirmativo e ativo; é por excelência a negação da própria vida, ela é niilista. A genealogia da moral define esse tipo de niilismo a partir de suas três figuras principais: o ressentimento, a má consciência e o ideal ascético. Contudo se situará apenas os dois primeiros, dado o encadeamento da pesquisa⁶⁵.

Todavia, essa existência mediante a “camisa de força” da sociedade e do Estado, nesse processo de privação dos prazeres naturais e impulsos, fazem com que se busque novos meios de satisfações, “as cargas pulsionais (...) voltam-se contra o próprio homem e, em aliança com a imaginação, encontram, na interioridade do eu, o canal subterrâneo e interiorizado de satisfação compensatória”⁶⁶. Na Segunda dissertação da *Genealogia da Moral*, no que concerne ao surgimento da má consciência, Nietzsche assinala:

Todos os instintos que não se descarregam para fora *voltam-se para dentro* — isto é o que chamo de *interiorização do homem*-, é assim que no homem cresce o que depois se denomina sua ‘alma’. Todo o mundo interior, originalmente delgado, como que entre duas membranas, foi se expandindo e se estendendo, adquirindo profundidade, largura e altura, na medida em que o homem foi *inibido* em sua descarga para fora. Aqueles terríveis bastiões com que a organização do Estado se protegia dos velhos instintos de liberdade — os castigos, sobretudo, estão entre esses bastiões — fizeram com que todos aqueles instintos do homem selvagem, livre e errante se voltassem para trás, *contra o homem mesmo*. A hostilidade, a crueldade, o prazer na perseguição, no assalto, na mudança, na destruição — tudo isso se voltando contra os possuidores de tais instintos: *esta é a origem da má consciência*. Esse homem que, por falta de inimigos e resistências exteriores, cerrado numa opressiva estreiteza e regularidade de costumes, impacientemente

lacerou, perseguiu, corroeu, espicacou, maltratou a si mesmo, esse animal que querem ‘amansar’, que se fere nas barras da própria jaula, este ser carente, consumido pela nostalgia do ermo, que a si mesmo teve de converter em aventura, câmara de tortura, insegura e perigosa mata — esse tolo, esse prisioneiro presa da ânsia e do desespero tornou-se o inventor da ‘má consciência’. Com ela, porém, foi introduzida a maior e mais sinistra doença, da qual até hoje não se curou a humanidade, o sofrimento do homem com o *homem*, *consigo* (...)”⁶⁷.

Subtende-se que o preço necessário a passagem à cultura, incide numa brusca ruptura com o passado [instinto animalesco] caindo sem paraquedas a uma nova condição de existência, mergulhando em novas situações, pressupondo-se que essa mudança não tenha sido de forma voluntária, mas um processo coercivo. De outro modo, “a má consciência é uma doença, quanto a isso não há dúvida”⁶⁸, logo, averiguamos quais condições determinaram seu surgimento. Compreende-se em Nietzsche que “a noção de política estará então completamente dissolvida em uma guerra de espíritos, todas as formações de poder da velha sociedade terão explodido pelos ares — todas se baseiam inteiramente na mentira”⁶⁹.

Com a decadência da civilização ocidental que culmina o niilismo, restando apenas o vazio, a vontade de nada, a experiência da perda de sentido por parte dos valores cristãos, possibilita um resgate de uma virtualidade cultural. Para tanto, destaca Nietzsche:

Não me foi perguntado, deveria me ter sido perguntado, o que precisamente em minha boca, na boca do primeiro imoralista, significa o nome *Zaratustra* (...) *Zaratustra* foi o primeiro a ver na luta entre o bem e o mal a verdadeira roda motriz na engrenagem das coisas — a transposição da moral para o metafísico, como força, causa, fim em si, é obra sua. Mas essa questão já seria no fundo a resposta. *Zaratustra* criou este mais fatal dos erros, a moral: em consequência, deve ser também o primeiro a *reconhecê-lo*. (...) Compreendem-me?... A auto-superação da moral pela veracidade, a auto-superação do moralista em seu contrário — *em mim*-, isto significa em minha boca o nome *Zaratustra*⁷⁰.

Enquanto Nietzsche se coloca como aquele que nega por um lado “os bons, os benévolos, os benéficos; por outro lado (...) a moral de *décadence*, falando de modo mais tangível a moral *cristã*”⁷¹. Ele salienta que “a superestimação da bondade e da benevolência”⁷² é uma consequência da *décadence*, “sintoma de fraqueza, incompatível com uma vida ascendente e afirmadora”⁷³. Nietzsche conduz menções ao profeta do *amor fati* e da transvaloração dos valores, trazendo anúncio do além-homem, aquele que consegue superar a si mesmo.

Contrário ao homem ressentido, o além-homem em Nietzsche, consegue superar, criar valores, ele consegue se reencontrar consigo mesmo, contemplando a vida em sua totalidade, “esse gênero de homem que ele concebe, concebe a realidade tal como *ela* é: ele é forte o bastante para isso — ele não é a *ela* estranho, dela estranhado, ele é *ela mesma*, ele tem ainda em si tudo o que dela é terrível e questionável, *somente então pode o homem possuir grandeza*...”⁷⁴. Tendo em vista, o aborrecimento, a sensibilidade doentia, a impotência causada pela vingança, o desejo, como males para a saúde. Pois, tais formas de reagir aos sentimentos causados pelo ressentimento trazem uma exaustão, o que deve ser proibida ao doente, é preciso saber dominá-lo.

De acordo com Deleuze, “o tipo do senhor [ativo] será definido pela faculdade de esquecer, bem como pela potência de agir nas ações. O tipo escravo [tipo reativo] será definido pela prodigiosa memória, pela potência do ressentimento”⁷⁵. Todavia, a pretensiosa noção de um *mundo verdadeiro*, *alma imortal*, o desprezo ao *corpo*, dirigem o sentido de saúde para outro patamar, substitui-se a noção séria, como questões de alimentação, clima e lugar, para se tratar de uma:

‘salvação da alma’ — isto é, uma *folie circulaire* [loucura circular] entre convulsões de penitências e histeria de redenção! A noção de ‘pecado’ inventada juntamente com o seu instrumento de tortura, a noção de ‘livre-arbítrio’, para confundir os instintos, para fazer da desconfiança frente aos instintos uma segunda natureza! Na noção de ‘desinteressado’, de ‘negador de si mesmo’, a verdadeira marca da *décadence*, a *sedução* do nocivo, a *incapacidade* de encontrar o próprio proveito, a autodestruição, convertidos no signo de valor absolutamente, no ‘dever’, na ‘santidade’, no ‘divino’ no homem!⁷⁶

Por conseguinte, segundo Giacoia⁷⁷ os destinos de uma cultura não desaparecem, mas submergem em espessas camadas de esquecimento e sempre de novo podem irromper à tona, vencendo o recalque, é que se toma possível ainda, por mais tênue e fugaz que seja a esperança, velar pelas virtudes criadoras de um *niilismo ativo*, no momento em que um novo budismo, o budismo europeu, se toma, para Nietzsche, experiência histórica irrecusável no mundo moderno. “No fundo, tentamos conter, a dor e a melancolia ontológica, o sentimento profundo e verdadeiro relativo à contingência não somente da nossa existência, mas daquela de todos os seres”⁷⁸.

Nietzsche já nos alertava para tal situação, quanto mais tentamos nos esquivar ao devir, mais imersos nele estaremos. O homem moderno, quer sufocar a potência que lhe rege e lhe conforma. Preso ao conhecido, ao já configurado, como noções, normas, regras, valores, adquiridas no processo da passagem para a cultura. A partir do diagnóstico realizado de sua época, Nietzsche consegue identificar o amesquinamento do homem, previstos desde a relação credor e devedor.

De todo modo, o eterno retorno poderia ser reconhecido como uma forma extrema do niilismo, este só se encontra completo quando se unem, “faz da negação uma negação das próprias forças reativas”⁷⁹, se conserva como a destruição dos fracos, autodestruição, uma seleção instintiva dessa força destrutiva. Caso contrário, ele apenas nega a força ativa ou leva a força ativa a se negar e se voltar contra si.

Contudo, visto como um princípio de preservação da vida, uma vida fraca, diminuída, a depreciação e a negação em que a vida reativa se estrutura e se torna contagiosa. “O homem pequeno, mesquinho, reativo não voltará. Pelo e no eterno retorno, a negação como qualidade da vontade de potência transmuta-se em afirmação, torna-se uma afirmação da própria negação, uma potência de afirmar, uma potência afirmativa”⁸⁰

As análises de Nietzsche acerca da saúde, doença, ressentimento e relações que vão das instâncias da psique às condições de vida do homem, marcam o autor com o próprio *médico filósofo* de sua época. A união entre a filosofia e a psicologia se entrelaçam de tal maneira, que cria seu método próprio enquanto genealogia e diagnóstico. É inegável que a relação entre ele enquanto doente e suas obras, nos mostra o quanto o filósofo vivenciou a sua filosofia.

Nietzsche efetua da filosofia uma grande Arte de transmutação, ele consegue transmutar sofrimento em conhecimento, além de todo o caráter autobiográfico que a obra apresenta, não há separação entre obra e vida, com a paciência de um filólogo ele traça os fios de sua filosofia, apropria-se com maestria da doença e a transforma em saúde. Essa apropriação e domínio, que ele supera a si mesmo, *tornar-se enfim aquilo que é*. O paradoxo constitutivo da “Grande saúde” se torna assim, condição para exercício filosófico.

No procedimento genealógico, emaranhado com as mais diversas áreas de conhecimento, nesse anseio de unir as ciências da natureza e as ciências do espírito, Nietzsche concebe o mundo como um campo de forças em permanente tensão, mediante a dupla perspectiva da vontade de potência, ele anuncia a sua fórmula para a suprema auto afirmação da humanidade. Diagnostica os valores vigentes, transformando-se em suas mãos uma poderosa ferramenta de combate à sua época.

A tríade de pensamento, teoria das forças, eterno retorno e vontade de poder, formulam uma hipótese cosmológica, introduzindo a ideia de *amor fati*, fórmula criada para medir a grandeza da vontade afirmativa do homem, vinculado ao pensamento do eterno retorno, dá a possibilidade de uma repetição cíclica de todos os acontecimentos, portanto, só nos resta amar o que é necessário, amar a possibilidade eterna do retorno do próprio niilismo, dizer Sim, ao mundo tal como ele é.

Ao destruir a dualidade metafísica de corpo e espírito, promove o corpo a um novo patamar, este se torna protagonista, ele anseia ampliar seu poder, a sua potência, é uma vontade de ter, ser, dominar, conquistar sempre mais, indo além do seu limite. Contrário, ao que muitos pensam, a filosofia nietzschiana é uma filosofia que busca a valorização da vida. Ele se restringe para uma reflexão filosófica sobre a saúde e doença que transcende a mera redução somática da doença enquanto campo médico. Dessa forma, saúde e doença enquanto problema filosófico, deve ser compreendido no encadeamento entre a vontade de potência e o sintoma de *décadence* enquanto deterioração fisiológica.

Considera-se que diferenças marcantes compõem a moral do senhor e a moral do escravo, a moral dos senhores se concentra no sentimento de distância, enquanto a moral dos escravos usa a igualdade e a fraqueza. Esses são os dois mecanismos principais que movem os interesses de ambos. O antagonismo presente nessas distinções, separam essas morais. O nobre despreza o escravo, pois, este aos seus olhos não conseguem elevar-se sobre ele, mas o escravo menospreza o nobre. Aquilo que funda a moral dos escravos, é o medo, pois, o fraco teme o forte, criando uma defesa pautada na coletividade.

Percebe-se que a crítica psicológica aos fracos, pressupõe consequências pulsionais do sentimento de impotência, o ressentimento. O escravo possui um desequilíbrio de suas forças, suas ações sofrem influências externas, a sua fraqueza impede que sua força se afirme, por não ser dono de si ele é impedido e desviado pelas forças externas. A vontade de potência não se afigura, pois, aceita o Não como uma entidade ontológica. Ao nobre, por possuir condições adequadas, a sua força segue seu fluxo livremente, ele apresenta um controle de si e do mundo exterior, ambos se movem harmonicamente, elevando sua potência. O escravo, por outro lado, se separa desse mundo, nega o exterior e busca se afirmar com seus escassos recursos.

Dessa forma, Nietzsche apresenta um processo de reconstituição das condições que levaram ao surgimento do que seria a moralidade contemporânea do seu tempo, através da tradição histórica, ressaltando que essa moral leva ao adoecimento. Pensar a ciência e a filosofia nesse sentido, predetermina que a formação do saber filosófico e científico se encontra comprometido com uma conformação moral doentia, no que lhe concerne, à filosofia e a ciência deveriam exercitar a saúde, é necessário pensar, como Nietzsche irá propor uma ciência é uma filosofia que enaltece a “Grande Saúde”, uma genealogia da saúde como um método que fundamenta as Ciências Humanas, enquanto possibilidade de exaltar a vida.

Logo, a faculdade do esquecimento teria evitado o acúmulo de lembranças desnecessárias que prejudicam o funcionamento normal do organismo, dessa forma esse ato de esquecer significa um sinônimo de saúde. Enquanto, a faculdade da memória aprisiona o homem em angústias de vidas passadas. A culpa não é um elemento a-histórico colocado por Deus, na alma, ele demonstrará que a culpa foi forjada historicamente. O homem moderno quer sufocar a potência que lhe rege e lhe conforma. Preso ao conhecido, ao já configurado, como noções, normas, regras, valores, adquiridas no processo da passagem para a cultura, este é o homem a ser superado, cortando pela raiz a necessidade de metafísica.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. Trad. Mariana de Toledo Barbosa; Ovídio de Abreu Filho. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- GEN-GRUPO DE ESTUDOS NIETZSCHE. *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Sendas & Veredas, 2016.
- JUNIOR, Oswaldo G. *Nietzsche como psicólogo*. Rio Grande do Sul: Editora Usinos, 2001.
- KLOSSOWSKI, Pierre. *Nietzsche y él círculo vicioso*. Trad. De Roxana Páez. Buenos Aires: Editorial Altamira, 1995.
- MACHADO, R. *Nietzsche e a verdade*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- MARTON, S. A nova concepção do mundo: vontade de potência, pluralidade de forças, eterno retorno do mesmo. *Agora filosófica*, Universidade Católica De Pernambuco, n. 1, jul. /dez. 2017-2. p.136
- MARTON, S. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- MÜLLER-LAUTER, W. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. Trad. de Clademir Araldi. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.
- NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NIETZSCHE, F. *O anticristo*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras: 2012.
- SOUZA, M. C. dos Santos. *O sentido da cultura moderna segundo Friedrich Nietzsche*. São Luis: Lithograf, 2011.

NOTAS

- 1 Demarcou-se três períodos, considerando a divisão e periodização realizada pela Scarlett Marton, filósofa brasileira, fundadora do GEN — Grupo de Estudos Nietzsche e criadora dos Cadernos Nietzsche. MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Editora brasiliense, 1990. p.27
- 2 EH, “Por que sou tão sábio”, § 1, p. 21.
- 3 GC, “Prólogo”, § 2
- 4 Para Nietzsche a saúde e doença de um corpo está intrinsecamente relacionado a curiosidade filosófica, ele coloca corpo e mente no mesmo nível de importância. A fisiologia e a psicologia, unidas pela fisiopsicologia respondem às questões que a dualidade corpo e alma, não conseguiram. De acordo com ele não se pode elaborar uma boa filosofia se desconsiderarmos o corpo, assim como muitos filósofos tradicionais fizeram. Na Fisiopsicologia, o valor da existência consiste no valor atribuído ao próprio corpo, corpo, alma e mundo estão conectados, dessa forma, as condições fisiológicas determinam a forma de pensar. Um corpo repleto de impulsos, afetos e pulsões.
- 5 GC, § 3, p.13.
- 6 Ibid., § 4
- 7 Nietzsche descreve os profetas comohorrendos híbridos de doença e vontade de poder chamados fundadores de religiões.
- 8 Vale ressaltar que o termo “cultura” se torna um tanto delicado no que consiste a filosofia nietzschiana, dado que, o próprio afirma, antes dele ninguém sabia o que era cultura, sendo ele o primeiro a problematizar o tema, indo além de uma investigação, se propondo a diagnosticá-la. Dessa forma, podemos pensar no mínimo três conceituações, ele encara a cultura como produções humanas, não havendo distinção entre as produções espirituais e materiais. Com a implantação da doutrina da vontade de potência, ele amplia essa visão anterior, a cultura é vista como uma configuração de impulsos que, de um ponto de vista é

saudável (cresce em sua potência e é altamente hierarquizada) e do outro doente/decadente (quando se decai e é pouco hierarquizada). Outro sentido, propriamente nietzschiano, é a cultura como expressão dos impulsos, como afirmação da vida, um fluxo contínuo de autossuperação. A cultura elevada deve conseguir preparar sua própria superação quando ela se esgotar.

9 *EH*, “Por que sou tão sábio”, § 1, p. 22

10 *Ibid.*, § 2, p. 23

11 *Id.*, GC, § 120, p. 144

12 MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990. p.47

13 *Ibid.*

14 *Ibid.*, p. 48

15 *Ibid.*, p. 50

16 DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. São Paulo: n-1 edições, 2018. p. 56

17 Trazemos o Deleuze como comentador de Nietzsche, faz-se necessária essa distinção, pois, em certas passagens de sua obra, Deleuze começa a desenvolver sua própria filosofia na tentativa de preencher algumas lacunas deixadas por Nietzsche, que mais adiante serão abordadas.

18 *Ibid.*

19 *Ibid.*, p. 57

20 MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

21 KLOSSOWSKI, P. *Nietzsche y el círculo vicioso*. Editorial Altamira: Buenos Aires, 1995. p. 36

22 MARTON, S. A nova concepção do mundo: vontade de potência, pluralidade de forças, eterno retorno do mesmo. *Ágora filosófica*, Universidade Católica De Pernambuco, n. 1, jul. /dez. 2017-2.

23 DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. São Paulo: n-1 edições, 2018. p. 64

24 *EH*. Nascimento da Tragédia, § 3, p. 62

25 MARTON, S. A nova concepção do mundo: vontade de potência, pluralidade de forças, eterno retorno do mesmo. *Ágora filosófica*, Universidade Católica De Pernambuco, n. 1, jul. /dez. 2017-2. p.136

26 *Ibid.*

27 *Ibid.*, p. 137.

28 *Ibid.*, p. 138.

29 KLOSSOWSKI, P. *Nietzsche y el círculo vicioso*. Editorial Altamira: Buenos Aires, 1995. p. 60

30 MÜLLER-LAUTER, W. *Nietzsche e sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. P. 229

31 *EH*, “Assim falou Zarathustra, § 1, p. 79

32 GC, § 341

33 *Ibid.*

34 A noologia é conhecida como uma das ciências auxiliares da Metafísica, que tem por objeto de estudos as funções cognitivas. Trata-se da ciência do espírito, do intelecto ou do pensamento, que corresponde ao exame de um funcionamento psicológico racional e das raízes institucionais e afetivas. Deleuze irá propor uma reinvenção dessa ciência, recriando a noologia, a partir da perspectiva de uma genealogia das imagens do pensamento. Mediante tal análise, a noologia ocuparia o lugar da história da filosofia, busca-se libertar do pensamento de uma imagem dogmática, um despertar do dogmatismo, de ideias pressupostas. Surge então uma nova forma de enxergar a ciência.

35 DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. São Paulo: n-1 edições, 2018. p. 102

36 MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra; 4ª edição, 2017. p. 83

37 *Ibid.*, p. 84

38 *Ibid.*, p. 88

39 AC, § 9

40 MÜLLER-LAUTER, W. *Nietzsche e sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua*

- filosofia*. São Paulo: Editora Unifesp, 2009, p. 143
- 41 GIACOIA, O. *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo, RS: EDITORA UNISINOS, 2001, p. 10.
- 42 Ibid., p. 104
- 43 Ibid., p. 105
- 44 EH, “Por que sou tão sábio”, § 2, p. 23
- 45 MÜLLER-LAUTER, W. *Nietzsche e sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. São Paulo: Editora Unifesp, 2009, p. 32.
- 46 Ibid., p. 34
- 47 GIACOIA, O. J. *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo, RS: EDITORA UNISINOS, 2001, p. 106.
- 48 MÜLLER-LAUTER, W. *Nietzsche e sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. São Paulo: Editora Unifesp, 2009, p. 35.
- 49 Ibid., p. 55-56
- 50 MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990. p.54
- 51 Ibid., p. 55
- 52 KLOSSOWSKI, P. *Nietzsche y el círculo vicioso*. Editorial Altamira: Buenos Aires, 1995. p. 36
- 53 EH, “Por que sou tão inteligente”, § 1, p. 35-36
- 54 Ibid., § 2, p. 36
- 55 Ibid., § 9, p. 46
- 56 Ibid.
- 57 Ibid., §10, p. 47
- 58 Em termos somáticos.
- 59 KLOSSOWSKI, P. *Nietzsche y el círculo vicioso*. Editorial Altamira: Buenos Aires, 1995.
- 60 Na *Genealogia da moral* ele usa o exemplo do senhor/nobre e escravo/fraco. No tipo senhor ele usa a faculdade do esquecimento impedindo que a memória invada a consciência, ele não desenvolve o ressentimento. Nietzsche acredita que o cristianismo representou uma continuidade do ressentimento já previsto na moral judaica.
- 61 GM, II, § 1, p. 47
- 62 Ibid.
- 63 JUNIOR, Oswaldo G. *Nietzsche como psicólogo*. Rio Grande do Sul: Editora Usinos, 2001, p. 115
- 64 Ibid., p. 116
- 65 MACHADO, R. *Nietzsche e a verdade*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017, p. 92
- 66 JUNIOR, Oswaldo G. *Nietzsche como psicólogo*. Rio Grande do Sul: Editora Usinos, 2001, p. 116
- 67 GM, II, § 16, p. 73
- 68 Ibid., p. 76
- 69 EH, “Por que sou um destino”, § 1, p. 103
- 70 Ibid., § 3, p. 104
- 71 Ibid., § 4, p. 104
- 72 Ibid.
- 73 Ibid.
- 74 Ibid., § 5, p. 106
- 75 DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. São Paulo: N-1 Edições, 2018, p.152
- 76 EH, “Por que sou um destino”, § 8, p. 109
- 77 GIACOIA, O. *Nietzsche como psicólogo*. Rio Grande do Sul: Editora Usinos, 2001, p. 151
- 78 SOUZA, M. C. dos Santos. *O sentido da cultura moderna segundo Friedrich Nietzsche*. São Luis: Lithograf, 2011.
- 79 DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. São Paulo: n-1 edições, 2018. p. 91
- 80 Ibid., p. 92